

# DEPOIS DAQUELA MONTANHA



CHARLES MARTIN

ADAPTADO PARA O CINEMA PELA TWENTIETH CENTURY FOX



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Chris Ferebee

## PRELÚDIO

Oi...

*Não sei bem que horas são. Este treco deve registrar. Acordei faz uns minutos. Ainda está escuro. Não sei quanto tempo fiquei apagado.*

*A neve entra pelo para-brisa. Está congelada no meu rosto. É difícil piscar. Parece tinta seca nas minhas bochechas. Só não tem é gosto de tinta seca.*

*Estou tremendo de frio... e é como se houvesse alguém sentado no meu peito. Não consigo respirar. Talvez tenha quebrado duas ou três costelas. Talvez esteja com pneumotórax.*

*O vento aqui em cima é contínuo, faz força contra a cauda da fuselagem... ou o que restou dela. Alguma coisa acima de mim, talvez um galho, está batendo no vidro. O som é de unhas arranhando um quadro-negro. E entra mais frio pelas minhas costas. Onde ficava a cauda do avião.*

*Sinto cheiro de gasolina. Acho que as duas asas ainda estavam bem cheias de combustível.*

*Tenho a sensação de que vou vomitar.*

*Seguro a mão de alguém. Os dedos são frios e cheios de calos. Há uma aliança, afinada nas bordas. É o Grover. Ele morreu antes de batermos na copa das árvores. Nunca entendi como pousou este troço sem me matar também.*

*Quando levantamos voo, a temperatura no solo estava entre -13°C e -17°C. Não sei qual é agora. Parece mais frio. Devemos estar a uns 3.500 metros. Mais ou menos. Não podemos ter caído mais de 150 metros quando Grover inclinou a asa. O painel de controle está apagado. Coberto de branco, feito poeira. A intervalos de minutos, o GPS pisca, depois torna a apagar.*

*Tinha um cachorro por aqui, em algum lugar. Todo dentes e músculos. Pelagem bem curta. Mais ou menos do tamanho de um forquinho elétrico. Faz uns gorgolejos zangados ao respirar. Parece doidão, como que cheio de metanfetamina. Espere...*

*Ei, cachorrinho... Espere aí... não. Aí não. Tudo bem, pode lamber, mas não pule. Como é seu nome? Você está com medo? É... eu também.*

*Não consigo lembrar o nome dele.*

*Voltei... será que demorei muito? Tem um cachorro aqui. Enfurnado entre o meu casaco e a minha axila.*

*Já falei dele? Não consigo lembrar como se chama.*

*Ele está tiritando, com a pele em volta dos olhos tremendo. Toda vez que o vento uiva, ele pula e rosna.*

*Minha memória está confusa. Grover e eu conversávamos, ele estava pilotando, talvez fazendo uma curva para a direita, o painel piscava com uma porção de luzes azuis e verdes, um tapete negro se estendia abaixo de nós, nem uma única lâmpada acesa num raio de uns 100 quilômetros, e... havia uma mulher. Que estava tentando voltar para o noivo e para o jantar da véspera do casamento. Vou procurá-la.*

*Achei-a. Inconsciente. Pulso acelerado. Olhos fechados pelo edema. Pupilas dilatadas. Deve ser concussão. Várias lacerações pelo rosto. Algumas vão precisar de pontos. Ombro direito deslocado e fêmur esquerdo fraturado. Não rompeu a pele, mas a perna forma um ângulo virado para fora e a calça parece justa. Preciso pôr no lugar... assim que recobrar o fôlego.*

*Está esfriando mais. Acho que a tempestade finalmente nos pegou. Se eu não nos embrulhar em alguma coisa, vamos morrer congelados antes do amanhecer. Terei que imobilizar aquela perna de manhã.*

*Rachel... não sei quanto tempo nos resta, não sei se vamos conseguir... mas... retiro tudo o que disse. Eu estava errado. Estava com raiva. Não devia ter dito aquilo. Você estava pensando em nós. Não em você. Agora eu percebo.*

*Você estava certa. Certa o tempo todo. Sempre há esperança.*

*Sempre.*

## CAPÍTULO 1

### Aeroporto de Salt Lake City

#### Doze horas antes

ERA UMA VISÃO feia. Cinzenta, lúgubre, janeiro arrastando-se. Na tela da TV atrás de mim, um sujeito sentado num estúdio em Nova York usou as palavras “fechados para pouso e decolagem”. Encostei a testa no vidro. Na pista, homens de macacão amarelo conduziam trens de bagagem que serpeavam em torno dos aviões, criando lufadas rodopiantes de neve com o cano de descarga. Perto de mim, um piloto cansado sentou na mala de couro surrada das viagens, com o quepe na mão – na certa, torcendo pela última chance de dar um pulo em casa e passar a noite na própria cama.

A oeste, as nuvens cobriam a pista; visibilidade próxima de zero, mas, conforme o vento, melhorava ou piorava. Intervalos de esperança. O aeroporto de Salt Lake City é rodeado por montanhas. A leste, as de picos nevados se erguem acima das nuvens. Faz muito tempo que as montanhas me atraem. Por um instante, fiquei pensando no que haveria do outro lado.

Meu voo tinha a partida prevista para 18h07, mas, dados os atrasos, começava a parecer o corujão. Se é que haveria voo noturno. Irritado com o piscar da sinalização de ATRASADO, mudei-me para um canto distante do saguão e me sentei encostado numa parede. Espalhei no colo alguns arquivos de pacientes e comecei a ditar meus laudos, diagnósticos e receitas num gravador digital. Gente que eu havia examinado na semana anterior à viagem. Embora eu também tratasse de adultos, quase todos os arquivos no meu colo eram de crianças. Anos antes, Rachel, minha mulher, tinha me convencido a me concentrar na medicina esportiva para crianças. Ela estava certa. Eu detestava vê-las chegar mancando, mas adorava vê-las ir embora correndo.

Ainda havia mais algum trabalho a fazer, mas o indicador da pilha do gravador digital começou a piscar sua luz vermelha, por isso fui a uma loja

do terminal, onde descobri que podia comprar duas pilhas AA por 4 dólares ou doze por 7. Dei 7 dólares à moça, substituí as pilhas do gravador e guardei as outras dez na mochila.

Eu havia acabado de voltar de um congresso em Colorado Springs, onde fora convidado a participar de uma mesa sobre “A interseção da ortopedia pediátrica com a medicina de emergência”. Discutimos procedimentos de pronto-socorro e as diferentes condutas médicas necessárias no tratamento de crianças sob impacto emocional. O lugar era bonito, a conferência satisfizera várias das minhas necessidades educacionais e, o mais importante, tinha me dado um pretexto para passar quatro dias fazendo escaladas nos picos Collegiate, perto de Buena Vista, no Colorado. Na verdade, tinha sido uma viagem de trabalho que satisfizera meu vício em caminhadas. Muitos médicos compram Porsches e mansões enormes ou títulos de clubes que raramente frequentam. Eu dou longas corridas na praia e escalo montanhas, quando a ocasião permite.

Havia passado uma semana fora.

A viagem de volta me levava de Colorado Springs a Salt Lake City, para pegar o voo direto para casa. As viagens aéreas nunca deixam de me assombrar: voar na direção oeste para acabar na leste. A massa humana do aeroporto tinha se reduzido. Sendo domingo, quase todo mundo estaria em casa àquela hora. Os que permaneciam ali se postavam diante dos portões de embarque, esperando, ou no bar, debruçados sobre uma cerveja e uma cestinha de *nachos* ou de asas de frango ao molho picante.

Foi o andar dela que me chamou a atenção. Pernas longas, esguias; passadas firmes, porém graciosas e ritmadas. Ar confiante, à vontade consigo mesma. Devia ter 1,75 metro ou um pouco mais, cabelo escuro, e era bonita, mas sem muita preocupação com isso. Trinta anos, talvez. Cabelo curto. Pense em Winona Ryder em *Garota, interrompida*. Ou em Julia Ormond na refilmagem de *Sabrina* com Harrison Ford. Nada de espalhafato, mas aquele mesmo estilo podia ser encontrado em Manhattan, em garotas que gastavam muito dinheiro para ter aquela aparência. Minha aposta era que essa gastara pouco. Ou talvez houvesse gastado muito para dar a impressão de haver gastado pouco.

Ela veio andando, deu uma olhada na aglomeração do terminal. Observei-a pelo canto do olho. Terninho escuro, pasta de couro e uma sacola de mão. Parecia estar voltando de uma viagem de um dia a negócios. Ela escolheu um lugar no chão, a uns três ou quatro metros de mim. Arriou a bagagem,

calçou um par de tênis Nike e então, com mais uma espiada no terminal, sentou-se no chão e se alongou. Considerando que ela não encostou só a cabeça nas pernas e no chão entre elas, mas também o peito e a barriga, deduzi que ela já tinha feito aquilo antes. Eram pernas musculosas, como as de uma professora de aeróbica. Depois de alguns minutos de alongamento, ela tirou da pasta vários blocos amarelos, folheou páginas de notas manuscritas e começou a digitar no laptop. Os dedos se moviam à velocidade das asas de um beija-flor.

Passados alguns minutos, o laptop fez um bipe. Ela franziu o cenho, prendeu o lápis entre os dentes e começou a examinar a parede em busca de uma tomada elétrica. Eu estava usando metade de uma tomada dupla.

- Posso dividir? – perguntou ela, segurando a ponta do cabo do laptop.
- É claro.

Ela ligou o cabo e se sentou no chão com o computador, de pernas cruzadas, cercada por seus blocos. Continuei com meus arquivos.

- Revisão da consulta ortopédica de... – Examinei a agenda, tentando encontrar a data. –... 23 de janeiro. Aqui fala o Dr. Ben Payne. O nome da paciente é Rebecca Peterson, com os seguintes dados de identificação. Data de nascimento: 6 de julho de 1995; registro médico código BMC2453, sexo feminino, branca, brilhante ponta-direita do seu time de futebol, maior goleadora da Flórida, visada por times do país inteiro, com quatorze convites da Série A na última contagem; cirurgia há três semanas, pós-operatório normal, sem apresentar complicações, seguido por fisioterapia intensiva; apresenta extensão completa dos movimentos; teste de flexão: 127 graus; o teste de força mostra melhora acentuada, assim como o de agilidade. A paciente está nova em folha, ou, nas palavras dela, melhor do que antes. Rebecca informa não sentir dor com a movimentação e está liberada para retomar todas as atividades... menos andar de skate. Deve ficar longe dele pelo menos até completar 35 anos.

Passei ao arquivo seguinte:

- Consulta ortopédica inicial em 23 de janeiro. Aqui fala o Dr. Ben Payne. Sempre digo a mesma coisa porque, no mundo eletrônico em que vivemos, cada gravação é separada e, caso se perca, precisa ser identificada.

- O nome do paciente é Rasheed Smith, com os seguintes dados de identificação. Data de nascimento: 19 de fevereiro de 1979; registro médico código BMC17437, sexo masculino, negro, jogador iniciante na defesa dos Jacksonville Jaguars e um dos seres humanos mais velozes que já vi. A ressonância



magnética confirma que não há ruptura do ligamento cruzado anterior nem do ligamento colateral medial. Recomendar fisioterapia intensiva e que ele fique longe da quadra de basquete da Associação Cristã de Moços enquanto for jogador de futebol americano profissional. Amplitude limitada do movimento, em decorrência de dor e sensibilidade, que deverão ceder com a terapia antes do início da próxima temporada. Poderá retomar treinos limitados de força e velocidade com a cessação da dor. Marcar consulta de acompanhamento para daqui a duas semanas e ligar para a ACM, mandando cancelarem sua carteira de sócio.

Guardei os arquivos na mochila e notei que ela estava rindo.

– Você é médico?

– Cirurgião. – Levantei os envelopes pardos: – Pacientes da semana passada.

– Você conhece mesmo os seus pacientes, não é? – Ela encolheu os ombros. – Desculpe, não pude deixar de ouvir.

Acenei que sim com a cabeça.

– Foi uma coisa que minha mulher me ensinou.

– O quê?

– Que as pessoas são mais que a soma da pressão arterial com o pulso, dividida pelo índice de massa corporal.

Ela tornou a rir.

– Você é meu tipo de médico.

Indiquei seus blocos com um meneio da cabeça.

– E você?

– Colunista. – Indicou com um gesto os papéis à sua frente. – Escrevo para revistas femininas.

– Cobrindo que tipo de assunto?

– Moda, tendências, muito humor ou sátira, alguma coisa sobre relacionamentos. Não sou de todo desconhecida, mas não trabalho com fofocas.

– Eu sou um zero à esquerda para escrever. Quantas matérias você escreve por ano?

Ela pendeu a cabeça para um lado, depois para o outro.

– Quarenta, talvez cinquenta. – Deu uma olhadela no meu gravador. – Quase todos os médicos que conheço detestam essas coisas.

Girei-o na mão.

– É raro eu ficar sem ele.

– Tipo o estetoscópio?

- Mais ou menos – respondi rindo.
- Demora muito para se habituar?
- Fui gostando dele aos poucos. Agora, não saberia viver sem ele.
- Parece que isso daria uma boa história.

- Foi Rachel... minha esposa, ela que me deu o gravador. Eu ia me mudar para Jacksonville. Levar nossa vida de volta para casa. Me juntar à equipe do hospital. Ela ficou com medo dos horários de trabalho. Medo de se descobrir no sofá como viúva de médico, com um balde de sorvete no colo, assistindo ao canal religioso. Isto aqui... era um jeito de ouvirmos o som da voz um do outro, de estarmos juntos, de não perdermos as pequenas coisas... entre as cirurgias, a ronda dos pacientes e o meu bipe tocando às duas da manhã. Ela ficava com o gravador um dia, ou coisa assim, dizia o que estava pensando... ou sentindo, e passava o bastão. Eu ficava com ele um ou dois dias, talvez três, e o passava de volta.

- Um celular não faria a mesma coisa?

Encolhi os ombros.

- É diferente. Procure experimentar, um dia desses, e você vai entender o que estou dizendo.

- Há quanto tempo você é casado?

- Nós nos casamos... vai fazer 15 anos esta semana. – Olhei de relance para as mãos dela. Um anel de diamante solitário. Não havia aliança. – O seu está chegando?

Ela não conseguiu controlar o sorriso.

- Estou tentando chegar em casa para o jantar de ensaio da cerimônia, amanhã à noite.

- Parabéns!

Ela abanou a cabeça e sorriu, olhando para as pessoas aglomeradas.

- Tenho um milhão de coisas para fazer e estou aqui, anotando uma matéria sobre um modismo passageiro de que nem gosto.

Assenti com a cabeça.

- Você deve ser boa escritora.

Um dar de ombros.

- Têm me dado espaço. Dizem que tem gente que compra essas revistas só para ler minha coluna, mas nunca conheci alguém que fizesse isso.

Ela tinha um magnetismo encantador.

- Você ainda mora em Jacksonville? – perguntou.

- Moro. E você?

– Atlanta – respondeu, e me entregou seu cartão. ASHLEY KNOX.

– Ashley.

– Para todo mundo, menos para meu pai, que me chama de Asher. Ele queria um menino, ficou zangado com a mamãe quando apareci com o equipamento errado, ou sem equipamento, e por isso mudou o final do nome. Em vez de balé e softbol, me levou para o tae kwon do.

– Deixe ver se eu adivinho... você faz parte daqueles malucos capazes de acertar coisas no alto da cabeça dos outros com um chute.

Ela fez que sim.

– O que explica o alongamento e aquele negócio de encostar o peito no chão.

Ashley tornou a assentir com a cabeça, como se não precisasse me impressionar.

– Que grau?

Ela levantou três dedos.

– Operei um sujeito há algumas semanas, pus umas hastes e parafusos na canela dele.

– O que ele tinha feito?

– Deu um chute no adversário, que o bloqueou com o cotovelo. A canela continuou indo. Ficou meio dobrada no sentido inverso.

– Já vi isso.

– Você fala como quem já entrou na faca.

– Competi muito na adolescência e nos meus 20 e poucos anos. Campeonatos nacionais. Vários países. Quebrei minha quota de ossos e articulações. Houve época em que o telefone do meu ortopedista em Atlanta ficava na minha discagem rápida. E então, essa sua viagem é a trabalho, a passeio ou as duas coisas?

– Estou voltando de um congresso. Participei de uma mesa e... – sorri – de quebra, fiz um pouco de escalada.

– Escalada?

– Montanhas.

– É isso que você faz quando não está cortando gente?

Dei uma risada.

– Tenho dois passatempos. Correr é um deles... foi assim que conheci Rachel. Começou no curso médio. É um hábito difícil de quebrar. Quando mudamos de volta para nossa cidade, compramos uma casa à beira-mar, para podermos correr na praia, acompanhando a maré. O segundo é esca-

lar montanhas, o que a gente começou a fazer quando frequentava a faculdade de medicina, em Denver. Bem, eu frequentava, ela mantinha minha sanidade. Mas, enfim, no Colorado há 54 picos com mais de 4.200 metros. Existe um clube não oficial da turma que já escalou todos. Nós começamos a explorá-los na época da faculdade.

– Quantos você escalou?

– Vinte. Acabei de acrescentar o monte Princeton: 4.327 metros. É um dos picos Collegiate.

Ashley pensou nisso por um momento.

– São mais de 4 quilômetros acima do nível do mar.

Fiz que sim.

– É, mas nem tanto a mais.

– Quanto tempo leva para escalar uma coisa dessas?

– Normalmente, um dia ou menos, mas, nesta época do ano, as condições climáticas tornam a subida, digamos – desloquei a cabeça para a frente e para trás –, um pouquinho mais árdua.

Ela riu.

– Você precisa de oxigênio?

– Não, mas a aclimatação ajuda.

– A montanha estava coberta de neve e gelo?

– Estava.

– E fazendo um frio de rachar, nevando e ventando que era uma loucura?

– Aposto que você é boa jornalista.

– Bem... estava?

– Em alguns momentos.

– E você subiu e desceu sem morrer?

Ri.

– É evidente.

Uma sobancelha se arqueou.

– Então você é um daqueles caras?

– Que caras?

– Do tipo “homem *versus* natureza selvagem”.

Balancei a cabeça.

– Guerreiro de fim de semana. Fico mais à vontade ao nível do mar.

Ashley correu os olhos pelas fileiras de pessoas.

– Sua mulher não veio com você?

– Não desta vez.

Meu estômago roncou. O aroma de uma pizzaria flutuou no ar pelo terminal. Levantei-me.

- Você pode dar uma olhada nas minhas coisas?
- É claro.
- Eu já volto.

Voltei com uma salada Caesar e uma pizza calabresa do tamanho de um prato, no exato momento em que o alto-falante anunciou:

- Pessoal, se embarcarmos depressa, talvez possamos fugir dessa tempestade. Não somos um número muito grande, portanto todos os passageiros de todas as zonas, por favor, queiram embarcar no Voo 1672 para Atlanta.

Os painéis eletrônicos de todos os oito portões à minha volta diziam ATRASADO. Rostos frustrados povoavam as cadeiras e paredes. Um casal de pais correu por toda a extensão do terminal, gritando com dois meninos que iam atrás deles, arrastando malas estampadas com personagens de *Guerra nas Estrelas* e empunhando sabres de luz feitos de plástico.

Peguei a mochila e a comida e fui atrás de outros sete passageiros – inclusive Ashley – em direção ao avião. Achei meu assento, prendi o cinto de segurança, as comissárias fizeram a verificação e começamos a dar marcha a ré. Foi o embarque mais rápido que eu já vi.

O avião parou e o piloto informou pelo alto-falante:

- Pessoal, estamos na fila para o descongelamento da pista e, se os caminhões chegarem aqui, talvez escapemos dessa tempestade. A propósito, há muito espaço na frente do avião. Na verdade, se você não está na primeira classe, a culpa é sua. Temos lugares para todos.

Todos se mudaram.

Fiquei com o único lugar restante, ao lado de Ashley. Ela levantou os olhos e sorriu, enquanto fechava o cinto de segurança.

- Acha que vamos sair daqui?
- Olhei pela janela.
- Duvido.
- Pessimista, é?
- Sou médico. Isto faz de mim um otimista com ideias realistas.
- Bem colocado.

Passamos trinta minutos sentados, enquanto as comissárias nos serviam praticamente tudo que pedimos. Tomei um suco de tomate temperado. Ashley bebeu um Cabernet.

O piloto voltou a falar. Seu tom não me animou.

– Minha gente... como vocês todos sabem, estávamos tentando escapar dessa tempestade.

Notei o verbo no pretérito.

– Os controladores da torre disseram que temos cerca de uma hora para decolar, antes que a tempestade chegue...

Os passageiros soltaram um suspiro coletivo. Talvez ainda houvesse esperança, afinal.

– Mas o pessoal de terra acabou de informar que um dos nossos dois caminhões de descongelamento está com defeito. O que significa que temos só um caminhão tentando atender a todos os aviões que estão na pista, e o nosso é o vigésimo da fila. Para encurtar, não sairemos daqui esta noite.

Os resmungos ecoaram por todo o avião.

Ashley abriu o cinto e comentou, balançando a cabeça:

– Só pode ser piada.

Um homem grandalhão à minha esquerda murmurou:

– Puta que p...

O piloto prosseguiu:

– Nosso pessoal vai recebê-los junto ao portão. Se quiserem um cupom de hotel, por favor falem com o Mark, que está de casaco vermelho e colete à prova de bala. Depois que tiverem retirado sua bagagem, nosso ônibus os levará ao hotel. Eu sinto muito mesmo, turma.

Caminhamos de volta para o terminal e observamos os avisos de ATRASADO serem substituídos pelos de CANCELADO.

Falei por todos os presentes no terminal:

– Isso não é bom.

Fui até o balcão. A atendente olhava fixo para uma tela de computador, balançando a cabeça. Antes que eu abrisse a boca, virou-se para a televisão, que estava sintonizada no canal da previsão do tempo.

– Lamento, não há nada que eu possa fazer.

Quatro telas acima dos meus ombros mostravam uma enorme mancha verde, que se deslocava no sentido leste-sudeste a partir de Washington, do Oregon e do norte da Califórnia. A legenda rotativa na parte inferior da tela falava de neve, gelo, temperaturas bem abaixo de zero e ventos gelados de até -20°C. Um casal à minha esquerda se abraçou num beijo apaixonado. Sorriente. Era só um dia não planejado que se somava a suas férias.

Mark começou a distribuir os vales para o hotel e a encaminhar as pessoas para o setor de retirada de bagagem. Eu tinha a bagagem de mão – uma mo-

chila pequena que também me servia de maleta – e também despachara uma mala. Gostando ou não, teríamos que retirar nossas bagagens.

Fui para lá e me perdi de Ashley quando ela parou para comprar um lanche. Encontrei um lugar perto da esteira rolante e olhei ao redor. Pelas portas corrediças de vidro vi as luzes do aeroporto particular, não muito longe dali. Na parede lateral do hangar mais próximo havia duas palavras pintadas em letras garrafais: VOOS FRETADOS.

As luzes de um dos hangares estavam acesas. Minha mala apareceu. Levantei-a sobre o ombro livre e esbarrei em Ashley, que aguardava sua bagagem.

– Você não estava brincando quando disse que tinha escalado um pouco nas horas vagas – comentou, avaliando minha mala. – Parece que vai escalar o Everest. Precisa mesmo disso tudo?

Minha bagagem era uma supermochila Osprey laranja de 70 litros, com uns bons quilômetros de rodagem. Eu a uso como mala porque funciona bem, mas sua função principal é nas excursões, e ela me serve como uma luva. Estava abarrotada com todo o meu equipamento de pernoite e caminhadas no frio, para minhas escaladas nos picos Collegiate. Saco de dormir, colchonete, fogareiro – talvez o equipamento menos valorizado e mais importante que possuo, ao lado do meu saco de dormir –, umas duas garrafas para água, algumas peças de roupa de polipropileno e várias outras miudezas que ajudam a me manter vivo e confortável quando durmo acima de 3 mil metros de altitude. Havia também um terno azul-escuro de risca de giz, uma bonita gravata azul que Rachel me deu e um par de sapatos sociais, que eu tinha usado uma vez, no congresso.

– Conheço minhas limitações e não fui feito para o Everest. Fico bem ruinzinho acima de 4.500 metros. Abaixo disso me sinto bem. Isto aqui – levantei a mochila – é só o essencial. Coisas que é bom ter por perto.

Ela avistou sua mala e se virou para tirá-la da esteira, mas antes tornou a virar para mim, com uma expressão sofrida no rosto. Aparentemente, a ideia de perder o casamento começava a ser absorvida e ia minando seu encanto. Ashley estendeu a mão. O aperto foi firme, porém caloroso.

– Foi ótimo conhecê-lo. Espero que você consiga chegar em casa.

– Sim, você...

Ela nem me ouviu. Deu meia-volta, pendurou a mala no ombro e partiu para a pista dos táxis, onde umas cem pessoas aguardavam em fila.

## CAPÍTULO 2

**A**TRAVESSEI AS PORTAS corrediças carregando minha bagagem e fiz sinal para o *shuttle* do aeroporto. Normalmente, ele estaria ocupado, transportando pessoas entre os terminais e o aeroporto particular, mas, como todos estavam tentando sair dali, o veículo estava vazio. O motorista tamborilava no volante.

Enfiei a cabeça pela janela.

– Você se importa de me dar uma carona até o aeroporto particular?

– Entre aí. Não tenho nada melhor para fazer.

Ao chegarmos em frente ao hangar, ele perguntou:

– Quer que eu espere?

– Por favor.

Ele ficou sentado na van, com o motor ligado, enquanto eu corria para dentro do hangar. Levantei a gola e enfiei as mãos sob as axilas. O céu estava claro, mas o vento ganhava força e a temperatura caía.

Lá dentro havia um aquecedor de ambiente ligado, três aviões e um sujeito de cabeça branca parado ao lado de um deles, um monomotor pequeno. A lateral do avião dizia *Charter do Grover*, e abaixo lia-se *Voos fretados para caça e pesca em locais remotos*. O número de identificação na cauda era 138GB.

O homem estava de costas para mim, usando um arco para atirar flechas num alvo na parede oposta. A uns 40 metros, talvez. Quando entrei, ele disparava uma flecha, que sibilou no ar. Estava usando calça jeans desbotada e uma camisa com botões de pressão com as mangas arregaçadas e botas de salto muito gasto, o que fazia suas pernas parecerem arqueadas. Na parte traseira do seu cinto de couro se estampava a palavra *Grover* e, pendurado em sua cintura, havia um estojo com um alicate multifuncional. Um Jack Russell Terrier estava a postos junto a seus calcanhares, farejando o ar e me avaliando.

Acenei para o homem.

– Oi!



Ele relaxou, virou-se e arqueou as sobrancelhas. Era alto e bonito, com um queixo forte e quadrado.

– Opa. Você é o George?

– Não, senhor. George não. Meu nome é Ben.

Ele ergueu o arco e tornou a se virar para o alvo.

– Pena.

– Como assim?

Ele distendeu completamente a corda e foi falando enquanto olhava para o alvo pela alça de mira:

– Dois sujeitos me contrataram para levá-los às ilhas San Juan. Para pou-  
sar numa pista pequena, perto de Ouray.

Disparou a flecha, que partiu zumbindo.

– Um deles se chama George. Achei que fosse você.

Encaixou outra flecha no arco.

Coloquei-me a seu lado e fitei o alvo. As marcas nele sugeriam que Grover havia passado um bom tempo praticando. Sorri.

– Parece que você é novato nisso.

Ele riu, tornou a puxar completamente a corda pela terceira vez, soltou um pouco a respiração e disse:

– Faço isto quando estou entediado, esperando clientes.

Soltou a flecha, que se cravou no alvo, tocando nas outras duas. Ele pou-  
sou o arco no banco do avião e fomos andando até elas.

O homem tirou as flechas.

– Há uns sujeitos que se aposentam e ficam por aí, andando atrás de uma  
bolinha cheia de covinhas no quintal de alguém, só para bater nela até cansar  
com um pedaço caro de metal. – Sorriu. – Eu pesco e caço.

Dei uma espiada no avião.

– Alguma chance de eu o convencer a me levar para fora daqui esta noite?

Ele baixou um pouco a cabeça e arqueou uma sobrancelha.

– Você está fugindo da polícia?

Meneei a cabeça e sorri.

– Não. Só tentando chegar em casa antes dessa tempestade.

Ele consultou o relógio.

– Eu estava me preparando para encerrar o expediente e também ir para  
casa e para a cama com a minha mulher. – Notou minha aliança. – Imagino  
que você gostaria de fazer o mesmo. – Abriu um sorriso largo, expondo os  
dentes alvos. – Só que não com a minha mulher.

Riu. Uma risada descontraída, imensamente reconfortante.

– É, eu gostaria.

Ele assentiu.

– Onde fica sua casa?

– Na Flórida. Achei que, se eu conseguisse ir embora antes da tempestade, talvez pudesse pegar um voo noturno em Denver. Ou, pelo menos, pegar o primeiro voo de amanhã.

Fiz uma pausa.

– Alguma chance de eu contratar seus serviços para me levar a qualquer lugar a leste das montanhas Rochosas?

– Por que a pressa?

– Tenho uma cirurgia de joelho e duas de reconstrução de quadril marcadas para... – consultei meu relógio – daqui a 13 horas e 43 minutos.

Grover riu. Puxou um trapo do bolso traseiro e esfregou a graxa que havia nos dedos.

– Amanhã à noite, pode ser que você esteja meio dolorido.

Eu ri.

– Vou fazer as operações. Sou cirurgião.

Pelas portas do hangar, ele deu uma olhadela no aeroporto ao longe.

– Hoje à noite aquelas aves grandes não vão voar?

– Tudo cancelado. Eles têm dois caminhões de descongelamento. Um quebrou.

– Isso vive acontecendo. Acho que os sindicatos têm alguma coisa a ver com isso. Sabe... cirurgia é uma coisa que se pode remarcar. – Mordeu o lábio e disse: – Eu mesmo já fiz isso algumas vezes. – Deu um tapinha no peito. – Coração chumbado.

– Passei uma semana fora – expliquei. – Congresso de medicina. Estou meio que precisando voltar... Não me importo em pagar.

Ele enfiou o trapo no bolso, pôs as flechas na aljava ao lado do arco e guardou tudo numa caixa forrada de espuma, atrás do banco traseiro do avião. Prendeu as tiras de Velcro. Ao lado do arco havia três tubos que se estendiam para o fundo da fuselagem do avião. Ele deu um tapinha nas extremidades.

– Varas de mosca. Também pesco.

Uma coisa com cabo de nogueira tinha sido amarrada junto às varas.

– O que é aquilo?

– Machadinha. Voo para uns lugares remotos. Não há muita coisa que eu não possa fazer com o que está bem aqui. – Deu um tapinha numa sacola

embaixo do banco, que comprimia um saco de dormir. – Nos lugares para onde eu voou, é bom ser autossuficiente.

No encosto do banco estava pendurado um colete coberto de iscas tipo mosca, tesoura pequena e uma rede que pendia da parte posterior da gola. Ele abarcou tudo com um aceno.

– Meus clientes me levam a uns lugares maravilhosos. Eu não poderia bancar viagens para lá sozinho, por isso os uso como pretexto para fazer as coisas de que gosto. Minha mulher até vai comigo, de vez em quando.

Ele parecia ter 70 e poucos anos, com corpo de 50 e coração de adolescente.

– Você é dono do avião?

– Sou. É um Scout.

– Parece muito com o avião daquele milionário aventureiro, Steve Fossett.

– É parecido mesmo. Motor Locoman 0360 com 180 cavalos de força. Velocidade máxima de 224 quilômetros por hora, com força total.

Franzi o cenho.

– Não é muito veloz.

– Desisti da velocidade há muito tempo – disse ele, pondo a mão na hélice de três pás. – Ele pode aterrissar a 60 por hora, o que significa que sou capaz de pousá-lo num espaço mais ou menos do tamanho deste hangar.

O hangar devia ter uns 20 metros por 40.

– O que significa – sorriu – que posso caçar e pescar nuns lugares bem remotos. Isso me torna muito popular com meus clientes.

Ele correu a língua pelos dentes e olhou para um relógio grande de parede, calculando o tempo e os horários.

– Mesmo que eu o leve até Denver, pode ser que você não saia de lá esta noite.

– Estou disposto a arriscar. O pessoal do balcão de atendimento disse que a tempestade pode despejar neve suficiente para manter em terra todos os aviões que saem daqui hoje e amanhã.

Ele fez que sim com a cabeça.

– Não vai ser barato.

– Quanto?

– Cento e cinquenta por hora, e você tem que pagar minha ida e a volta. Vai lhe custar uns 900 dólares.

– Você aceita cartão de crédito?

Ele tornou a correr a língua pelos dentes, estreitou um olho e me exami-

nou. Como se conversasse consigo mesmo. Por fim, assentiu com a cabeça, deu um sorriso de canto de boca e estendeu a mão:

– Grover Roosevelt.

Apertei sua mão calejada e firme.

– Algum parentesco com o ex-presidente?

Grover sorriu.

– Distante, mas eles não reivindicam o parentesco comigo.

– Eu sou Ben Payne.

– Você usa um jalequinho branco com *Dr. Payne* escrito na frente? – disse Grover, sorrindo.

– Uso.

– E os pacientes lhe pagam para cuidar deles ou entram em *paynico* e fogem?

Entreguei-lhe meu cartão de visitas e respondi:

– Até passo alguns deles na faca.

Na parte inferior do cartão, lia-se:

DR. PAYNE: CONSULTAS SEM PÂNICO,  
TRATAMENTO SEM DOR.

Grover deu um tapinha no cartão.

– Pode ser que Jesus fique meio chateado por você roubar o trabalho dele.

– Bem... até hoje ele não me processou.

– Você opera com Jesus?

– Não que eu saiba.

Ele sorriu, tirou um cachimbo do bolso da camisa, encheu-o e pegou um isqueiro Zippo de metal no bolso da frente. Acendeu-o e sugou o cachimbo, puxando a chama para baixo até fazê-la penetrar no fumo. Quando o miolo ficou em brasa, fechou o isqueiro e o repôs no bolso.

– Ortopedia, é?

– Isso e atendimento de emergência. É comum as duas coisas andarem de mãos dadas.

Ele enfiou as mãos nos bolsos.

– Bem, me dê quinze minutos. Preciso ligar para minha mulher. Informar que vou chegar atrasado, mas vou levá-la para comer um filé quando voltar. Depois... – apontou com o polegar para o banheiro, por cima do ombro – preciso de mais uns minutos pra me aprontar.

Foi andando para o telefone e falando na minha direção:

- Jogue sua bagagem na traseira.
- Aqui tem wi-fi?
- Tem. A senha é *Tanque*.

Abri o laptop, encontrei a rede, fiz a conexão e baixei meu correio eletrônico, que incluía mensagens de voz pessoais e de trabalho, todas transmitidas como arquivos de áudio para minha conta do e-mail. Como minha agenda era muito apertada, eu respondia a quase tudo por e-mail. Feito isto, liguei o gravador no laptop e mandei por e-mail os arquivos ditados para nosso escritório de transcrições enquanto fazia também uma cópia em outros dois servidores, para o caso de precisarmos de uma cópia de segurança ou de um backup do backup. Sempre é melhor prevenir. Fechei então o laptop, calculando que poderia responder aos e-mails restantes durante o voo e deixar que fossem automaticamente enviados quando pousássemos.

Grover reapareceu minutos depois, indo do telefone para o banheiro. A imagem de Ashley Knox, em sua tentativa de chegar em casa, passou por minha mente.

- Quantas pessoas você pode levar?

– Eu e mais dois, se eles não se importarem de sentar com os joelhos colados.

Olhei para trás, para o aeroporto.

- Você se disporia a esperar dez minutos?

Ele fez que sim.

– Vou cuidar da inspeção de pré-voos. – Olhou para o lado de fora e acrescentou: – Mas você precisa se apressar. Sua margem de oportunidade está diminuindo.

Meu amigo da van do aeroporto me levou de volta ao setor de retirada de bagagem e, como eu era seu único cliente, ofereceu-se de novo para esperar. Encontrei Ashley sentada no meio-fio, à espera de um táxi. Tinha fechado o zíper da jaqueta acolchoada por cima do terninho.

– Fretei um avião para me levar até Denver. Talvez consiga passar à frente da tempestade. Sei que você nunca me viu mais gordo, é verdade, mas há lugar para mais uma pessoa.

- Está falando sério?

– Deve levar pouco menos de duas horas. – Estendi as duas mãos. – Sei que isto pode parecer meio... sei lá. Mas sei bem tudo o que antecede uma cerimônia de casamento e, se você tiver a menor semelhança com a minha

mulher, vai passar os próximos dois dias sem dormir, tentando se certificar de que todos os detalhes estarão perfeitos. É só uma oferta sincera, de um profissional para outro. Sem nenhuma condição.

O ceticismo surgiu em seu rosto.

– E você não quer nada de mim? – indagou, olhando-me de cima a baixo.  
– Porque, pode crer... – balançou a cabeça – já lutei com gente maior que você.

Girei minha aliança no dedo.

– Na varanda dos fundos da minha casa, onde fico bebericando café e contemplando o mar, minha mulher pôs três tigelas, para alimentar todos os gatos vira-latas que circulam pelo estacionamento. Agora eles tomam café comigo todas as manhãs. Eu lhes dei nomes e me acostumei com aquele ronronzinho que eles fazem.

Surgiu uma ruga entre as sobrancelhas de Ashley.

– Está me chamando de gato vira-lata?  
– Não. Estou dizendo que eu nunca havia notado que eles existiam, até minha mulher apontá-los. Começar a dar comida a eles. Abrir meus olhos. Agora eu os vejo em quase toda parte. E isto meio que se difundiu para o meu modo de olhar as pessoas. O que é bom, porque nós, médicos, tendemos a ficar meio insensíveis, com o tempo.

Fiz uma pausa.

– Não quero que você perca a sua cerimônia de casamento. É só isso.  
Pela primeira vez, notei que ela quase saltitava, como se estivesse com uma comichão nos pés ou algo assim.  
– Você me deixa dividir a despesa?

Dei de ombros.

– Se isso a fizer sentir-se mais à vontade... mas será bem-vinda de qualquer jeito.

Ela contemplou a pista, deslocando o peso do corpo de um pé para o outro.

– Tenho que levar minhas seis damas de honra para o café da manhã, seguido por algumas horas num spa.

Ela olhou para a van do aeroporto e as luzes do hotel, ao longe. Respirou fundo e sorriu.

– Sair daqui hoje à noite seria... fantástico – falou e deu uma olhadela para o saguão. – Você pode esperar três minutos?

– É claro, mas...

Na tela atrás de nós, o borrão verde se aproximou mais alguns milímetros do aeroporto.

– Desculpe. Foi muito café. Eu estava esperando até chegar ao hotel. Imagino que o banheiro daqui seja maior que o do tal avião.

– É bem provável – respondi, rindo.